

TO, J. O. Contexto e perspectivas. In: BENTO, J. O.; GARCIA, R.; CA, A. *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

_____. Da crise da educação física no contexto internacional. In: SANTOS, OLHO MÁGICO: o cotidiano, o debate e a crítica em educação física. Canoas: UFRS, 2001.

CHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Alegre, UFRGS, 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2002.

TA, L. P. da A reinvenção da educação física e desporto segundo os *dogmas do lazer e da recreação*. Lisboa: DGD, 1987.

U. *Viajem na irrealidade cotidiana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

A, A. C. A. *As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica*. Porto: Universidade do Porto, 1994.

Z, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

RQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. *O treino e a competição dos mais jovens: movimento versus saúde*. 2001. Texto inédito a ser publicado em obra conjunta de USP e UP.

ETTO, A. *Hábitos de vida, estado nutricional, perfil de crescimento e saúde física referenciada à saúde: subsídios para o planeamento da educação escolar e esportes na escola cidadã*. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

3

FAZER DA COMPETIÇÃO DOS MAIS JOVENS UM MODELO DE FORMAÇÃO E DE EDUCAÇÃO

António Marques

O desporto só será para a criança a coisa mais importante do mundo quando formos capazes de o construir à medida das suas necessidades, possibilidades e expectativas.

EDUCAÇÃO, DESPORTO E COMPETIÇÃO

Muitos pedagogos têm oposto uma séria resistência à adopção do desporto como um modelo de educação e de formação dos mais jovens.

Na origem desta atitude estaria a competição, que se constituiria como o aspecto mais perverso do desporto. O fundamento da rejeição residiria no facto de o desporto, pelas suas características agónicas, promover na formação da juventude valores exacerbados de concorrência e de individualismo, em prejuízo dos valores da igualdade e da solidariedade.

Este viés pedagógicoista pode aliás perceber-se numa orientação mais geral de uma certa escola que visa anular toda e qualquer iniciativa pedagógica sustentada na valorização do esforço e do mérito. Como se a promoção das condições de equidade, de solidariedade e de igualdade de oportunidades se fizesse nivelando por baixo. Como se todos tivessem o mesmo valor e as mesmas capacidades.

Não se trata de fomentar uma cultura da concorrência que promova a acentuação das manifestações de exclusão que existem na sociedade. Queremos, pelo contrário, que o desporto seja um instrumento de apro-

ximação, de cooperação e de diálogo entre todos. E, por isso, parecemos não apenas importante apoiar a formação da criança com competências adequadas para a sua prática, mas também dotá-la de uma correcta visão sobre o desporto. Sem o sacralizar, já que sendo uma criação do Homem não é por isso perfeito.

A linguagem do corpo é o instrumento de comunicação privilegiado da criança. Todos os que viveram a infância, sem limites, sem constrangimentos, o compreendem.

O desporto é uma das manifestações mais interessantes e representativas da cultura do corpo. Por isso tem um grande significado para nós e um interesse particular para os mais jovens.

Que sentido teria o desporto para a criança sem competição? Será possível pensar o desporto à margem da competição, isto é, imaginar um desporto sem actividade competitiva?

Duas questões que importa esclarecer, tantos são os equívocos que sobre elas existem.

Competição e desporto confundem-se no entendimento da criança sobre o significado da prática. O sentido primordial do desporto para a criança é assim o jogo. É a competição.

É a possibilidade que esta lhe oferece de avaliar as suas próprias capacidades, comparando-as com as dos outros e consigo própria. De mostrar aos outros aquilo de que é capaz, de obter sucesso, de se superar. De criar junto dos amigos, dos pares, de terceiros uma boa imagem social. De adquirir e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

O treino, a excitação, enquanto tempo e actividade de preparação da participação competitiva, só mais tarde começa a ganhar significado para a criança.

Não faz por isso sentido pensar o desporto da criança excluindo deste a competição. E ainda que o fizesse não o poderíamos fazer. A competição é a essência do desporto, sem a qual este próprio deixa de o ser, de existir.

Não se trata, por isso, de suprimir a competição no desporto, de criar um desporto sem competição, como alguns têm pretendido na ignorância do sentido substantivo desta actividade humana, mas de pensar mais à medida dos interesses, expectativas e necessidades da criança. De construir uma competição que não apenas corresponda à sua vontade

de de manifestar as suas capacidades, mas seja também compatível com as suas aptidões e competências.

Nem o desporto, nem a competição que lhe é imanente se constituem em si mesmos como determinantes na perspectiva da educação da criança. O desporto e a competição são apenas instrumentos. São sobretudo os princípios e valores associados à competição, a forma como esta é utilizada e as experiências vividas durante a actividade que conferem, ou não, às práticas desportivas o seu valor educativo. Mas este valor pode, indiscutivelmente, ser associado às actividades competitivas.

Adoptemos então o seguinte princípio, assentemos num pressuposto: a competição – o jogo – é o elemento mais estruturante de toda a formação desportiva da criança e um aspecto determinante da sua educação, na sua preparação para a vida. Porque, não nos iludamos sobre isso, as sociedades são competitivas, sempre o foram.

A competição não é nova na vida do Homem. Não apareceu com a criação do desporto moderno, nem com a revolução industrial. Na sua relação com a natureza, na relação consigo próprio, sempre o Homem percebeu a competição como um factor de humanização e de progresso. Ainda que nem sempre o tenha conseguido.

Thomas Arnold, o criador do desporto moderno, apenas aproveitou a competição desportiva, as características agónicas desta prática, no desenvolvimento de uma filosofia educativa que promovesse o confronto e a aceitação dos antagonismos, que aproveitasse a energia destes.

NOVAS PRÁTICAS COMPETITIVAS NUM DESPORTO MAIS CONFORME À CRIANÇA

Saber competir, estar preparado para o fazer, é pois condição de preparação para a vida que não devemos esquecer na formação e educação dos mais jovens e que a escola deve inscrever, de forma descomplexada, nas suas finalidades educativas.

A aceitação deste princípio obriga-nos a um continuado esforço de qualificação da prática, numa exigência de valorização de um modelo de intervenção pedagógica que pense a competição da criança à ima-

gem da sua prontidão e não esqueça os seus interesses e necessidades. Isto é, que a tenha como sujeito.

O que ganha hoje um significado acrescido. Porque durante muitos anos esta questão nos passou completamente ao lado.

Anos e anos a fio pensamos toda a organização do desporto da criança não cuidando de saber qual a relação que existe entre o treino e a competição nas diferentes fases da preparação. Concebemos o treino, em cada uma das suas fases, ajustando-o às possibilidades da criança e dos adolescentes em desenvolvimento, esquecendo que o mesmo deveria ter sido feito relativamente à competição.

A adopção dos modelos evoluídos de competição do desporto de alto rendimento na preparação desportiva dos mais jovens foi um grave erro que cometemos durante muitos anos e de que só agora começamos a ressair-nos.

Devemos pois comprometer-nos com a construção de modelos de competição que em cada fase da preparação se identifiquem coerentemente com as possibilidades dos mais jovens e com as propostas de treino que desenvolvemos.

Continuar a persistir na utilização de um sistema de competições dos mais jovens à imagem dos modelos mais evoluídos da prática desportiva nos seus contornos e substância é não perceber o que é a criança. É não perceber que nem o quadro de aprendizagem que lhe podemos proporcionar, nem o seu apetrechamento biológico, motor, cognitivo, psíquico e social lhe permitem responder da forma adequada a tão grandes e complexas exigências. Gerando assim situações não apenas frustrantes para a criança, mas absolutamente contra-indicadas no plano pedagógico.

Não é com a adopção dos modelos de alto nível, não é com a rápida evolução para os modelos mais evoluídos da prática que se assegura o quadro que sustentará condições de resposta mais efectivas e rápidas. O tempo de aprendizagem faz-se de experiências ricas, significativas e adquiridas pacientemente, ou não se cumpre adequadamente.

À imagem do que fizemos com o treino, teremos que “desconstruir” os modelos de competição mais evoluídos, sem receio de os descaracterizar. É preciso chegar a novas construções, que sem perde-

rem de vista o sentido e os objectivos da formação desportiva, isto é, o estádio a que queremos chegar, lhe estejam mais adequadas.

O importante é que as propostas de formação – para a actividade de treino e para a actividade de competição – sejam coerentes e consequentes. O que deve pretender-se da formação desportiva dos mais jovens não é que estes interpretem as práticas evoluídas, mas prepará-los para o virem a fazer.

Faria algum sentido que um professor de matemática, quando ensina os primeiros números, confrontasse a criança em situações de avaliação com problemas muito complexos? Ou que um professor de português, ensinando as primeiras letras, pretendesse como resultado a escrita de um romance?

Por que pretendemos então no futebol – e outros exemplos haveria –, quando se aprendem os primeiros pontapés e se ensaiam em interacções simples os princípios básicos do jogo, que as crianças joguem o 11x11? Como tanto tempo fizemos...

A relação treino/competição no desporto dos mais jovens não deve então ser estabelecida da direita para a esquerda, isto é, da competição para o treino, como se faz no desporto de alto nível, em que o modelo de treino é organizado a partir do modelo de actividade competitiva, mas da esquerda para a direita, do treino para a competição, isto é, numa relação de continuidade e complemento dos objectivos de formação que se promovem no treino.

Não por qualquer fundamento teórico, mas por razões estratégicas. O sistema de treino atingiu já níveis de desenvolvimento aceitáveis, mas o sistema de competições é ainda muito tradicional, isto é, uma réplica à escala dos modelos evoluídos.

Ter a competição como estruturante do treino só será correcto quando a primeira corresponder a um modelo mais adequado, quando a competição for modelada pelos princípios e pressupostos do treino de jovens. Então, a actividade competitiva não será apenas um prolongamento e extensão do treino, mas ela própria um factor estruturante da formação, a dar sentido e direcção a toda a preparação. Consagrando assim uma maior harmonia entre os objectivos da formação desportiva e as expectativas que as crianças estabelecem para a participação competitiva e possibilitando-lhes a satisfação das suas necessidades e a afirmação de competências e capacidades em quadros competitivos ajustados à sua personalidade e nível de desenvolvimento.

O que não acontece ainda. A actual situação promove uma subversão nas lógicas da formação, dando prioridade aos resultados. O que não é bom para a formação. De facto os resultados iniciais não parecem predir os resultados futuros, bem pelo contrário.

Num estudo de mestrado que tem vindo a desenvolver e que será em breve presente a defesa pública na Universidade do Porto (por este motivo não entraremos em grande detalhe sobre os resultados), a estudante Cristina Cafrani estudou 161 atletas brasileiros que nas suas modalidades – ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, futsal, natação, ténis e voleibol – atingiram resultados de elevada expressão nas fases de alto rendimento. Entre os objectivos do estudo incluía-se a compreensão do tipo de relação que existe entre os resultados das competições durante o processo de formação e nas fases de alto nível. Apesar do estudo não ser absolutamente conclusivo, mostra de forma clara que os atletas estudados não obtiveram bons resultados desportivos na primeira fase da sua preparação desportiva de longo prazo.

A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DE TODA A FORMAÇÃO DESPORTIVA

Um dos equívocos da formação da criança reside na concepção pedagógica de que o desporto poderia ser útil à educação e formação da criança desde que não tivesse competição. Ou, ainda, o absurdo do enquadramento doutrinário da competição a partir de princípios do tipo “participar é o importante”, sendo que perder ou vencer seria tudo a mesma coisa. Subestimando o sentido que a própria criança atribui ao desporto. Não se percebendo que o que deve questionar-se não é nem a competição nem os resultados na competição, mas a sua sobrevalorização, o seu favorecimento e promoção à margem de um enquadramento adequado.

Uma valorização excessiva dos resultados na competição terá inevitavelmente como consequência um aumento inapropriado do volume e intensidade das cargas e uma rápida especialização dos exercícios e métodos de treino. O que prejudica a formação. Mas a competição não é prejudicial à formação e educação da criança. Bem pelo contrário, des- de que utilizada adequadamente.

A ideia de que ganhar ou perder é irrelevante, que a única coisa importante é a actividade, a participação na actividade, é um erro em que incorremos com frequência, um excesso pedagógico. Que põe em causa o sentido de um modelo que valoriza a expressão dos resultados e se pretende possa constituir-se em estímulo quer para os que ganham, quer para os que perdem. Pretender ignorar o significado da avaliação que a actividade proporciona à criança é reduzir o desporto a uma coisa acultural, quase biológica, sem o sentido primordial que ela lhe atribui.

Poderemos dizer que se trata de um modelo cultural que os adultos construíram. Sem dúvida. Como outros. A cultura é, afinal, uma das coisas que nos distingue dos animais na superação desta condição. É para a integração na sociedade, embora não necessariamente para a re- produzir inteiramente nos seus vícios, que preparamos a criança. Mas não podemos contrapor à cultura do Homem actividades sem expressão ou sentido cultural. A pretexto de valores que é preciso promover e que o desporto não estimula.

Nada mais falso. A própria ideia de que o desporto seria o principal promotor da competição na sociedade – ainda que não desprimorosa para o desporto – é um erro. O desporto é ele próprio a expressão de uma civilização em que a competição é um motor. Hoje como sempre. Uma coisa é querer desdramatizar as derrotas, relativizar as vitórias, ensinando uma adequada relação com a competição. Outra coisa é iludir a questão.

A competição pode ser estruturante da formação da criança. Nas vitórias como nas derrotas. A derrota é tão ou mais importante que a vitória na formação dos mais jovens. As vitórias imediatas podem com- prometer mais o futuro do que as derrotas.

Isto não invalida que os treinadores procurem fazer com que um maior número de crianças ganhem. Reforçando o interesse pela prática, criando motivações para continuar. Desporto sem competição é que não faz sentido. Porque é coisa que não existe, por muito que o não queira- mos perceber.

A competição e a vitória devem ter regras e princípios, e estes de- vem estar ajustados aos modelos de formação. A criança terá dificulda- de em rever-se num modelo de desporto sem vencedores nem vencidos, que não se habituou a identificar na relação com os seus ídolos.

Sem vitórias e sem derrotas não se aproveitam as potencialidades educativas do desporto. A aceitação da derrota, a nobreza na vitória é um código de conduta que preceitua as relações no desporto e tem sentido para a vida.

Se a vitória é uma natural aspiração dos jovens desportistas, ao treinador cumpre aproveitar a derrota para melhor os preparar. No desporto como na vida, o que todos temos por mais certo são os momentos de insucesso, de derrota; que teremos que reverter ou pelos menos aspirar a isso.

A derrota também tem um sentido pedagógico e moral no desporto. Muitos grandes desportistas foram mal sucedidos nas suas carreiras porque só foram preparados para vencer, porque não foram ajudados a superar os constrangimentos do insucesso.

O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DAS PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS

Um aspecto importante do enquadramento da prática diz respeito ao número de competições em que a criança deve participar. Sempre pensámos antes que a condição de preparação da criança era o motivo que justificava a sua participação num reduzido número de competições. Sabemos hoje, ao contrário, que as participações competitivas se devem fazer em maior número nas primeiras fases da preparação. O que se revela paradoxal.

Retomando a posição, já atrás apresentada, de que a competição desportiva tem exigências que estão muitas vezes para além das possibilidades dos mais jovens, que razões poderão justificar agora a afirmação do contrário? Não constitui isto um paradoxo? Não é verdade, como dizíamos, que o número de competições deve ser proporcional ao nível e às condições de preparação?

É verdade, pois claro. Onde então a contradição? Na natureza das competições. As competições de que falamos não são apenas os modelos formais, os modelos evoluídos do desporto de alto nível. As competições de que falamos são também os pequenos jogos, as pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas, que são as formas de aprendizagem por excelência. Isto é o jogo, nas suas múltiplas formas.

Ora, as competições oferecidas aos mais jovens reportam-se ainda a um quadro muito tradicional de competições especializadas e próximas nos seus objectivos das do desporto de alto nível.

Aqui se estabelece o viés. Que interessa eliminar. As crianças devem participar num grande número de actividades competitivas, desde que estas estejam ajustadas às suas possibilidades.

As competições, ou melhor, as formas competitivas, são fundamentais na formação. Por isso, e muito particularmente nas fases iniciais da formação desportiva, isto é no chamado estágio de treino de base, devem ser utilizadas na preparação ao longo de toda a época desportiva de uma forma sistemática e regular porque constituem parte essencial do treino. Sem constituírem um objectivo em si mesmas. Pelo menos para os treinadores, já que se pode compreender que o sejam para a criança.

Assim, se se proporcionar à criança a possibilidade de participar num quadro numeroso e diversificado de jogos, competições e torneios desportivos, criam-se possibilidades de sucesso mais frequente a um maior número de indivíduos e equipas, contribuindo desta forma para uma organização desportiva mais conforme às necessidades e possibilidades da criança.

Em contraste com isto, muitas das competições oficiais que ainda hoje adoptamos possuem grandes exigências “técnicas”, psíquicas e físicas. O que recomenda que o seu número e frequência não sejam muito elevados. Por isso, o aumento do número de competições e a possibilidade de oferecer oportunidades de participação competitiva a um maior número de crianças – relembre-se que muitos treinadores na busca obsessiva de resultados nas competições deixam de fora com frequência crianças que parecem ser menos dotadas para a prática – remete para a necessidade de novas formas organizativas e novos modelos de práticas competitivas.

Os modelos actuais apresentam características que não parecem coadunar-se nem com as características e particularidades da criança, nem com as necessidades da formação.

Num estudo realizado sobre as competições de crianças e jovens em Portugal, Andrade (1995) analisa os quadros de participação em competições oficiais no escalão de infantis durante uma época desportiva (Quadro 1).

	Idades	Número de competições		Dias entre competições	
		Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Andebol	10-12	32	28	8,1	9
Atletismo	11-12	16	16	9,4	9,4
Basquetebol	11-13	27	-	9,1	-
Ciclismo	11-12	23	23	6,6	6,6
Futebol	10-11	45	-	5,3	-
Ginástica Olímpica	7-9	6	4	45,3	91,3
Voleibol	10-12	31	29	5,6	6,1

Quadro 1 – Número e frequência de participações competitivas numa época desportiva de crianças portuguesas

Veja-se que dentro da mesma categoria de formação (infantis) o quadro de participação é muito heterogéneo:

- os meninos participam normalmente num maior número de competições que as meninas;
- nos desportos ditos individuais o número de participações é menor que nos colectivos;
- os números mínimo e máximo de participações anuais variam entre as 6 competições na ginástica olímpica e as 45 no futebol.

Por quê? Haverá alguma justificação para isto, para uma tal heterogeneidade entre modalidades e sexos? São assim tão diferentes as crianças dos dois sexos, nesta fase da infância? Para além das características próprias de cada modalidade, e que naturalmente remetem para a observação de particularidades específicas de formação, são assim tão diferenciados os enquadramentos da formação nestas fases da preparação desportiva?

Julgamos que não. Pelo menos no entendimento que temos sobre o que devem ser o desporto e as competições da criança. Parece-nos, pelo contrário, que o quadro que se estabelece está muito referenciado à cultura

de cada modalidade e aos seus modelos organizativos nas fases mais avançadas.

Em relação com o aspecto anterior está a frequência de participações competitivas numa época desportiva, isto é, o número de dias que antecede a participação em cada nova competição.

A leitura do quadro revela-nos claramente uma lógica própria dos quadros muito organizados, próxima da do desporto de alto nível. O que nos parece desajustado.

As competições são ainda muito próximas, nos seus objectivos, estrutura, regulamentos e conteúdos dos modelos mais evoluídos. E a situação agrava-se se este quadro tradicional não for compensado com um quadro mais informal.

O que pode justificar que uma criança (na ginástica) participe em competições apenas a cada 90 dias? Pode alguém encontrar motivação para treinar num quadro de participação semelhante a este?

Pode uma criança treinar tanto e competir tão pouco? Não representa isto, nesta idade, uma clara inversão da importância social que a criança atribui às actividades de treino e de competição?

Num estudo feito anteriormente (Marques, 1993), procurámos também estabelecer a relação entre o número de treinos e o número de competições de jovens desportistas dos escalões de infantis e de iniciados, isto é, sensivelmente no intervalo de idades 10-14 anos.

Modalidade	Escalão	Nº trei.	Nº comp.	Trei. vs. comp.
Andebol	Iniciados	135	39,7	3,4/1
Basquetebol	Inf. e iniciados	122,3	24,7	5,0/1
Futebol	Inf. e iniciados	76,3	32,7	2,3/1
Voleibol	Iniciados	116,6	27,6	4,2/1

Quadro 2 – Número de treinos, número de competições e frequência de participações competitivas numa época de jovens desportistas portugueses dos escalões de infantis e iniciados

Os resultados permitem evidenciar, relativamente ao número de competições e à frequência de participação competitiva, que são notórias as diferenças entre cada modalidade, sendo que no caso de futebol se chega a um quase extremo de 1 competição a cada 2,3 treinos, o que seria até interessante, não se tratasse dos modelos tradicionais de competição, isto é, de futebol de 11.

Todos os números que apresentámos anteriormente dizem respeito ao quadro formal oficial, organizado no âmbito de associações e federações desportivas. Ora nem o quadro da formação motora e desportiva da criança se esgota nos centros de preparação desportiva e na participação em quadros competitivos federados, nem as condições em que a preparação se processa, incluindo a participação em competições, impõe um quadro competitivo tão tradicional, particularmente durante as fases da infância.

É a jogar que a criança aprende, e aprende competindo consigo e com os outros. A pretender ser o primeiro. Na rua, na escola, nos clubes. Ou não será assim? Observemos o jogo da criança, nas suas manifestações mais espontâneas.

O que significa que a intervenção pedagógica não pode subverter esta lógica. Antes deve aproveitá-la em benefício do projecto pedagógico. Oferecendo a todas as crianças um grande número de situações de avaliação das suas capacidades, em confronto com os outros e consigo própria. Mas possibilitando-lhes também situações no treino e na competição em que o divertimento e o prazer na actividade estejam frequentemente presentes, em oposição ao que acontece no desporto de alto nível em que a necessidade de eficácia determina o aumento de rotinas. Ora estas rotinas sistémicas não são compatíveis com a personalidade da criança, diminuindo a motivação e interesse pela actividade e aumentando o abandono.

Segundo os especialistas da psicologia do desporto é na rotina das actividades, no desinteresse que suscitam, que deve encontrar-se a mais importante razão para o *drop out*.

A NATUREZA DAS COMPETIÇÕES – ALGUMAS PROPOSTAS

É por isso urgente alterar este quadro, oferecendo actividades mais interessantes e à medida das possibilidades dos mais jovens. Ou seja,

torna-se necessário modificar a natureza das competições. Na sua estrutura, nos regulamentos e nos conteúdos, conformando as práticas competitivas aos objectivos dos programas de formação e às condições que promovem uma maior participação de crianças e adolescentes.

Partindo de preocupações deste tipo, as autoridades desportivas australianas vêm desenvolvendo nos últimos anos um grande esforço de adaptação do desporto dos mais jovens, com base em seis princípios fundamentais (Lee; Smith, 1993): 1) A ênfase deve ser posta sobre o desenvolvimento, a participação, o sucesso e o desenvolvimento da auto-estima; 2) o desporto deve ser entendido como um instrumento de desenvolvimento da cooperação e do trabalho em equipa; 3) a avaliação deve ser centrada na aquisição e desenvolvimento dos fundamentos técnicos do desporto; 4) as crianças desenvolvem-se de forma diferenciada; 5) o desporto deve ser modificado, tendo em conta as limitações fisiológicas e psicomotoras das crianças; e 6) os objectivos das competições devem diferir dos dos adultos, não estando tão orientados para os resultados.

As crianças não estão ainda preparadas para responder de forma adequada às exigências das competições especializadas, que são ainda grandes. Assim, até à entrada na escola (cerca dos 6 anos) não se justifica ainda a existência de quadros competitivos formais, que devem ser substituídos com vantagem por actividades auto-organizadas e espontâneas.

Com o início da primeira fase da escolaridade podem ter lugar os primeiros quadros competitivos organizados, os quais até cerca dos 12 anos devem ter uma organização simplificada, pluridesportiva e basearem-se em competições internas e torneios locais. A organização deve incluir a participação das próprias crianças, às quais são atribuídas tarefas particulares (Lima, 1981).

As preocupações que atrás explicitámos ganham um sentido acrescentado no âmbito do desporto escolar, mas não se esgotam nele.

É claro que estas medidas, designadamente as que propõem a alteração dos conteúdos das competições através do recurso a propostas de actividade mais diversificadas, justificam-se sobretudo nas fases iniciais da formação desportiva, quando os processos de especialização ainda não se aprofundaram. Ou seja, numa altura em que o primado da multilateralidade das cargas no treino e nas competições se afirma, justifi-

cando que escola e clubes concorram para a formação motora e desportiva das crianças através de formas de colaboração mais estreitas.

Assim, uma das nossas principais preocupações deverá ser a alteração do sistema de competições dos mais jovens, seja no âmbito do desporto na escola, seja no âmbito do desporto federado.

Na organização das competições desportivas das crianças e na sua adaptação às particularidades dos jovens desportistas devem ser observados os seguintes princípios (Lima, 1987):

- 1) as competições devem ser adaptadas ao talento da criança, às suas habilidades e ao seu grau de envolvimento;
- 2) o tempo dedicado à competição não deve impedir a criança de participar em outras actividades e ocupações fora do desporto;
- 3) os eventos competitivos devem ocorrer maioritariamente dentro de limites locais e regionais;
- 4) as competições em equipa devem ser especialmente encorajadas e as participações individuais em competições, que acontecem já em algumas modalidades desportivas durante a infância, devem ser criteriosamente consideradas.

Já anteriormente, em reflexões sobre este tema (Marques, 1997), nos reportámos a alguns princípios e propostas de modificação das práticas competitivas apresentadas por algumas federações desportivas de países mais avançados no desporto juvenil. Novas experiências têm vindo a ser ensaiadas em vários países – mesmo em Portugal e no Brasil – as quais devem constituir para nós um bom motivo de reflexão.

Na parte final destas reflexões apresentaremos alguns exemplos de práticas competitivas de crianças utilizadas na Alemanha e em Portugal. Na Alemanha existe uma competição de desporto escolar a nível federal – a Juventude Treina para Olímpia (*Jugend trainiert für Olympia*) – que pretende envolver o maior número de alunos e permitir um trabalho de colaboração cada vez mais forte entre os clubes e a escola. Trata-se de um sistema de competição aberto a todas as escolas dos 16 estados da Alemanha. A participação é livre, mas só possível a equipas de escolas.

Atente-se que as práticas competitivas se fazem sempre em equipa, o que é particularmente relevante nos desportos ditos individuais. A in-

tenção é minimizar o impacto psicológico, isto é, a ansiedade que a participação em competições sempre gera, a qual, segundo os especialistas da psicologia do desporto, é maior nos desportos individuais (Gould; Eklund, 1996).

Igualmente importante se torna considerar o número de jovens desportistas que integram cada equipa. Pretende-se que o número de desportistas por equipa não seja muito alargado. Desta circunstância resultará a possibilidade de constituição de um maior número de equipas e a participação de um número mais alargado de desportistas durante mais tempo na actividade.

A seguir são apresentadas algumas propostas escolhidas pelas autoridades alemãs (Thüringer Landesverwaltungsamt, 1994) para enquadrar as práticas competitivas das crianças.

Ginástica artística:

Categoria de idades: 10-12 anos.

As equipas podem ser mistas, femininas e masculinas. Uma equipa é constituída por 8 meninos/meninas. É recomendado que no início seja privilegiada a constituição de equipas mistas, com o mesmo número de meninos e meninas.

Todos os meninos e meninas participam em todos os complexos de provas por aparelhos (por rotações) e depois em estafetas por equipas. O resultado é dado pela soma total das pontuações de todos os atletas em todas as provas.

Estrutura da competição: competições de equipas num combinado de 4 provas – 3 complexos de provas por aparelhos e 1 corrida de estafetas.

Os complexos de provas por aparelhos são:

Complexo 1: barra, solo, cavalo

Complexo 2: trave, solo, paralelas

Complexo 3: solo, banco sueco, solo (exercícios com parceiros)
Estafeta: 2x18 m (linhas limite do campo de volei).

Hóquei de sala:

Categoria de idades: 10-12 anos

As equipas podem ser mistas, femininas e masculinas.

Estrutura da competição: provas combinadas de hóquei, consistindo de um jogo de hóquei e um programa adicional – estafetas por equipas integrando corrida de *sprint* em pêndulo, percurso em *slalon* e corrida de obstáculos.

Sprint em pêndulo: 2x4 m + 2x8 m (no hóquei uma elevada percentagem dos deslocamentos fazem-se sobre distâncias curtas – 0 a 15 m – com grande velocidade e acelerações e travagens em sequências imprevisíveis).

Corrida de estafetas em *slalon* com *stick* e bola.

Corrida de estafetas com obstáculos.

Atletismo:

Categoria de idades: 12-14 anos

Equipas femininas ou masculinas, integrando 6 alunos por equipa.

Estrutura da competição: competições combinadas por equipas.

Corrida de estafetas (75 m), salto em altura, salto em comprimento, lançamento da bola (200 g) ou arremesso do peso (4 kg meninos e 3 kg meninas); 1000 m (meninos) ou 800 m (meninas).

Natação:

Categoria de idades: 12-14 anos

Cada equipa integrando 10 meninos ou 10 meninas.

Estrutura da competição:

Estafetas de 8x25 estilo livre, 4x25 braços, 8x25 costas; 4x25 estilos.

Natação de resistência: 10 min.

Estafetas de estilos para 7 participantes: 25 m mariposa + 25 m costas + 25 m livres + 100 m estilos + 50 m livres + 25 m braços + 25 m costas.

Voleibol:

Categoria de idades: 10-12 anos

As equipas podem ser mistas, femininas e masculinas.

Estrutura da competição:

Em forma de torneio com duas competições parciais – estafeta de coordenação com exigências técnico-coordenativas com bola e jogo de volei 4x4.

Em Portugal, também algumas federações têm experimentado alguma evolução a este nível nos últimos anos. No entanto, como se perceberá, na estrutura e nos regulamentos da actividade de algumas federações – numas mais do que noutras – coabitam ainda preocupações pedagógicas com orientações próximas da lógica das competições no desporto de rendimento.

Voleibol (Federação Portuguesa de Voleibol):

Categoria de idades: 8-10 anos.

As equipas são mistas.

Estrutura da competição:

Há dois tipos de competição – o mini-volei e o gira-volei.

Mini-volei: jogo 3x3, nos clubes. O jogo tem duas partes, sendo que em cada uma delas as equipas têm que mudar todos os jogadores.

O gira-volei (2x2) decorre num contexto mais abrangente: municípios, escolas, associações recreativas e culturais, condomínios. Os clubes podem também organizar competições de gira-volei, mas as crianças só podem participar numa das competições – mini-volei ou gira-volei.

Categoria de idades: 10-12 anos.

As equipas são masculinas e femininas.

Estrutura da competição: Há os mesmos dois tipos de competição – o mini-volei e o gira-volei.

No mini-volei o jogo é feito nos clubes, mas em situação de 4x4.

Tal como na categoria anterior, o jogo tem duas partes e obriga à mudança de todos os jogadores da equipa em cada uma das duas partes do jogo.

O gira-volei (2x2) processa-se exactamente nas mesmas condições já anteriormente descritas.

Atletismo (Federação Portuguesa de Atletismo):

Categoria de idades: 7-11 anos (Benjamins).

Equipas masculinas e femininas. Competições ao nível de clubes e escolas.

Estrutura da competição: a participação dos desportistas Benjamins A (7-9 anos) e Benjamins B (10-11 anos) tem características lúdicas

e concretiza-se através de formas jogadas e festas e convívios ao nível local e distrital. As actividades destes escalões não incluem a participação em torneios formais de pista, corta-mato e de estrada (Federação Portuguesa de Atletismo, 2002).

Benjamins A:

São organizadas competições em sala e competições ao ar livre.

Em sala: “atletismo jogo”.

Ar livre: corrida e marcha de precisão; corridas de *skate* e patins; estafeta de 4x50 m; estafeta de salto em comprimento; lançamento de precisão; corridas em circuito.

Benjamins B:

Práticas pré-desportivas de carácter lúdico com predominância de participação em grupo em festas, convívios e torneios em nível local e distrital.

Em sala: “atletismo jogo” e “jogos colectivos”.

Ar livre: corrida de orientação (2000 m); corrida de precisão (800 m); marcha de precisão (800 m); percurso em circuito; 50 m; 50 m barreiras; salto em altura; salto em comprimento sem tábua; lançamento do dardo em precisão; lançamento do peso; salto em comprimento com vara; duatlos de clube; triatlo.

Categoria de idades: 12-13 anos (Infantis)

Estrutura da competição:

“Triatlo técnico jovem em sala” (competição técnica) e “torneio atleta completo”.

Triatlo técnico jovem em sala: torneio de provas combinadas aberto a clubes, escolas, outras colectividades e atletas individuais. Integra as seguintes provas:

Masculinos: 60 m bar., peso (3 kg.), comprimento.

Femininos: 60 m bar., peso (2 kg.), comprimento.

Torneio atleta completo: a competição engloba uma fase distrital, uma fase de zona e uma fase nacional.

Masculinos: tetratlo – 60 m barreiras; altura; peso (3 kg.); 1000 m.

Femininos: tetratlo – 60 m barreiras; altura; peso (2 kg.); 1000 m.

Andebol (Federação Portuguesa de Andebol):

Categoria de idades: 7-10 anos. Bambis (7-9 anos) e Minis (9-10 anos)

Equipas mistas com 5 a 8 jogadores.

Estrutura da competição: jogo de 5x5 em campo reduzido.

Categoria de idades: 10-12 anos (Infantis)

Equipas masculinas e femininas com 8 jogadores. Existem quadros competitivos escolares e federados.

Estrutura da competição:

Competições escolares: jogo de 5x5 em campo reduzido. O jogo tem quatro períodos de 10 min. Cada jogador não pode jogar mais de 3 e menos de 1 período.

Competições federadas: jogo de 7x7 em campo de andebol. Cada equipa tem 14 jogadores. As equipas são masculinas e femininas.

Basquetebol (Associação de Basquetebol do Porto):

Categoria de idades: 8-12 anos. Minis A (8-10 anos) e Minis B (10-12 anos)

Equipas mistas, equipas masculinas e equipas femininas com 12 jogadores.

Estrutura da competição:

Concentrações: jogos 5x5 em concentrações de 6 a 8 equipas, ao nível regional, onde nem os resultados nem as classificações são considerados. Os jogos têm 4 períodos e cada jogador tem de jogar pelo menos 2 períodos.

Torneios 3x3: As equipas podem ainda ser mistas, femininas ou masculinas e cada jogador tem de jogar pelo menos 2 períodos. Torneios organizados pela associação.

Torneios particulares: organizados pelos clubes.

Festa final: organizada pela Federação Portuguesa de Basquetebol. Inclui o concurso “O melhor lançador” em lance livre, lançamento na passada e lançamento de distância.

Jogos de basquete 5x5: os jogadores que constituem cada equipa são provenientes de vários clubes, isto é, não jogam pelas suas equipas habituais.

Em paralelo com os jogos e o concurso de melhor lançador, a FPB organiza um *jamboree* nacional que inclui outras actividades como escalada e actividades aquáticas.

Natação (Associação de Natação do Norte de Portugal):

Categoria de idades: 7-11 anos.

Escala 4: meninas (7-8 anos) e meninos (8-9 anos). As competições são feitas individualmente e em estafetas. Não há pódios, mas apenas medalhas de presença para todos. Não há classificações colectivas, isto é, de clubes.

Estrutura da competição:

Competições de ênfase técnica sobre distâncias curtas – 25 m e 50 m – e em várias técnicas: alternadas, simultâneas e combinadas.

As competições são feitas apenas ao nível regional.

Escala 3: meninas (9-10 anos) e meninos (10-11 anos). As competições são feitas individualmente e em estafetas.

Estrutura da competição:

Competições mais organizadas e formais com provas de incidência técnica nas várias técnicas de nado e uma prova de incidência aeróbia – uma prova de distância mais curta (100 m a 200 m), uma de estilos e uma mais longa (400 m a 800 m). As competições são feitas ainda a nível regional e englobam provas de estafetas e provas individuais.

SÍNTESE

A situação actual é caracterizada por um experimentalismo pedagógico muito grande, em busca de propostas competitivas que melhor se adequem às características das crianças e às necessidades da formação. Percebemos hoje melhor o que não queremos do que sabemos quais as soluções mais adequadas para qualificar a competição.

Em vários países ensaiam-se propostas e desenvolvem-se novos modelos, dentro de limites muito abertos. A observância estrita dos regulamentos que caracteriza a participação em competições de alto nível faz-se desnecessária aqui. E injustificada.

Porque as competições servem à formação, trata-se sobretudo de encontrar as propostas mais adequadas para o efeito, em fases do processo de desenvolvimento muito dinâmicas e pouco compatíveis com as exigências dos modelos de competição mais evoluídos. Percebe-se hoje que

se trata mais de criar competições para as crianças e adolescentes do que introduzir os mais jovens nos modelos competitivos mais evoluídos.

E se não dispomos ainda de uma teoria da competição que nos permita organizar de forma mais conveniente as práticas competitivas de crianças e adolescentes, os contributos científicos, empíricos e normativos que vêm sendo dados para o debate deste tema são nos últimos anos em cada vez maior número.

Não são porém suficientes. É preciso convocar todos os especialistas e em particular os académicos para o aprofundamento do tema. Não conhecemos, por exemplo, nenhuma tese de doutoramento elaborada neste domínio. Um primeiro estudo de fôlego, que encontrará concretização numa tese, tem vindo a ser feito na Universidade do Porto por um estudante de doutoramento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Muitos são os tópicos a tratar e os problemas a merecerem resposta. Aqui fica o desafio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. G. Para uma teoria das competições desportivas em crianças e jovens. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1995.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLETISMO. *Manual de Competições 2002*. Lisboa: FPA, 2002.

GOULD, D.; EKLUND, R. Emotional Stress and Anxiety in the Child and Adolescent Athlete. In: O. BAR-OR (Ed.). *The Child and Adolescent Athlete*. Oxford: Blackwell Science, 1996. p. 383-398.

LEE, M.; SMITH, R. Making sport fit the children. In: LEE, M. (Ed.). *Coaching Children in Sport*. London: E & FN Spon, 1993.

LIMA, T. *Alta competição: desporto de dimensões humanas?* Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

LIMA, T. Competições para jovens. *Treino Desportivo*, Lisboa: DGD, II Série, 6, p. 32-39, 1987.

MARQUES, A. A periodização do treino em crianças e jovens: resultados de um estudo nos centros experimentais de treino da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. In: BENTO: J.; MARQUES, A. (Ed.). *A ciência do desporto, a cultura e o homem*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto: Câmara Municipal do Porto, 1993. p. 243-258.

_____. A preparação desportiva de crianças e jovens: o sistema de competições. In: GUEDES, O. (Org.). *Atividade física: uma abordagem multidimensional*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-169.

THÜNINGER LANDESVERWALTUNGSAMT. *Schulsportwettbewerbe in Thüringen: Schuljahr 1994/95*. Thüringer Kultusministerium, 1994.

4

O DESPORTO NA ESCOLA: ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA

Amândio Graça

DESPORTO PLURAL

O enquadramento do desporto na escola não se faz sem dificuldades, nem sem confusões, ou disputa de interesses de várias ordens. Não se faz sem loas de cantigas de amigo, nem sem azedume de cantigas de escárnio e maldizer. Todavia, críticos e adeptos do desporto na escola, não raramente, confinam os argumentos da discussão a uma visão restritiva, anquilosada e, muitas vezes, caricatural ou ingénua da prática desportiva, dos seus objectivos e resultados, do seu significado, das suas possibilidades e dos seus efeitos. Esta discussão amarrada ao passado não dá conta que, entretanto, o desporto é ele mesmo um fenómeno em transformação no sentido da diversidade e da pluralidade (Bento, 1995; Bötttschneider, 1991).

Uma operação que se afigura como necessária para enquadrar o desporto na escola será a de desmontar a figura da pirâmide como organizadora de um edifício unitário da prática desportiva (Kirk; Gorely, 2000). Ora esse edifício, enquanto casa única do desporto, não existe mais, e é bom que assim seja, porque ele não dá, nem podia dar, resposta à expansão das necessidades de prática desportiva nem à pluralidade de motivos que atraem e ligam as pessoas de diferentes idades, género e condição a essa prática. A figura da pirâmide é estruturalmente selectiva; o alargamento da base da pirâmide apenas interessa para fazer elevar mais alto o seu cume. De patamar para patamar, há inexoravelmente exclusão. O modelo parece, assim, empurrar para fora todos aqueles que não conse-